



Instantâneo tomado na residência do Dr. Zoroastro Passos, vendo-se, além do enviado do *Globo*, o prof. Mello Teixeira, os engenheiros Francisco e Carlos Goulart, e os Drs. Rubens Costa Carvalho, Mauricio Azevedo e Romero Carvalho.

24

HOMENS DE CIÊNCIA E CURIOSOS EM GRANDE ROMARIA A PEDRO LEOPOLDO!

PEDRO LEOPOLDO, 22 – (Especial para *O GLOBO*, por Clementino de Alencar) – Inegavelmente, as sessões espíritas realizadas pelos irmãos Xavier se estão tornando verdadeiros acontecimentos cuja repercussão atrai já até gente do Rio. E, a manter-se na mesma proporção até agora observada, o aumento de assistentes para cada nova reunião, é evidente que, em breve, não poderá mais a casinha da rua Dr. Neiva conter, de forma alguma, a afluência dos que, locais ou vindos de fora, procuram assistir ao sensacional transe semanal do “médium” de Pedro Leopoldo.

Hoje, por exemplo, as anotações que tomamos, antes de se iniciar a sessão, acusam, no que se refere à presença de pessoas vindas do Rio, entre as quais o Sr. Aredio de Souza, conhecido negociante, homem viajado e de cultura geral; vindas de Belo Horizonte, entre várias outras, o Dr. Melo Teixeira, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da capital mineira; os Srs. Francisco e Carlos Goulart, engenheiros, André Aguiral, procurador de partes; Costa Carvalho Filho, advogado; Raul Henriot e Ovídio Corrêa; e de Pedro Leopoldo, os Srs. Amando Belizário, negociante e proprietário; Henrique Guatimozin, Manoel Melo Viana, escrivão municipal; Srs. Christiano Ottoni, Mauricio Azevedo, Jorge Frederico Laun, Ernesto Carneiro Santiago Júnior, Irineu Araújo, Fausto Joviano, os quatro últimos da Fazenda Experimental do Ministério da Agricultura, além de numerosas outras pessoas. Na sua maioria, não são, os presentes, espíritas declarados; apenas estudiosos ou amigos do “médium”, ou simples descrentes e curiosos da estirpe de Thomé – o santo.

Perguntas...

Já ao cair da noite, sentado na varanda do Hotel Diniz, o repórter medita. E, na expectativa da reunião próxima, daquele novo momento de

contato rápido e impressionante com o mistério – vulgaridade para um dia futuro? – ele insiste, presunçoso!, em abstrair de si mesmo, para que, pela viseira de seus olhos, fique apenas a espiar, despersonalizado, o observador frio. Essa mesma presunção, entretanto, trai a pobre argila que palpita sob a rede de nervos estendidos do recinto arcano do espírito até a porta aberta dos sentidos. E, insidiosamente, vem também postar-se, sob a viseira aberta, a alma curiosa...

Sim, dizemos “alma”, porque, francamente, no panorama da nossa vida orgânica, não percebíamos uma só exigência que nos convidasse àquela cisma absorvente, serena e sem o limite de uma referência palpável – como a noite que vinha caindo.

Acaso seriam as preocupações da nossa vida vegetativa que – no esquecimento momentâneo do ambiente onde há um ruído de talheres e um aroma de tangerinas – chamavam assim, à tona dos nossos pensamentos, a dúvida de Hamlet e as inquietações de Manfredo?

A verdade é que o ruído dos talheres não interessa, nem nos seduz o convite daquele aroma de tangerinas doces.

A paisagem se apaga, ao longe, com o fim do crepúsculo. E ao primeiro “passe” da grande feiticeira que já se vai adornando de lâmpadas e estrelas, a cisma cerra sobre nossos olhos as pálpebras inúteis. Mas,

My alumbres – Il I alumber – are not sleep,
But a continuance of enduring thought
Which then I can resist not: in my heart
There is a vigil...

E esse pensamento que vela sobre o torpor das pálpebras caídas, teima em debruçar-se sobre um abismo de reticências.

“Morrer, dormir, talvez sonhar...”

Quem sabe?...

E dessa nasce um mundo de perguntas outras.

O locutorio do Além vai de novo abrir-se para nós... Tentemos...

O redemoinho das nossas indagações estaca, porém, e desfaz-se ao som claro de uma voz da realidade.

A alma do cristal

Ao nosso lado está agora um jovem advogado de Belo Horizonte. É

o Sr. Costa Carvalho Filho. Depois, vêm outras pessoas que pouco depois veríamos entre os assistentes, na casa de José Cândido.

Discute-se então uma pergunta que o advogado deseja fazer ao “médium” mas que:

– Oh! A isso ele não poderá responder. É assunto muito complexo, vasto. Será possível que esse rapazinho...

– Mas não é ele, são os espíritos, será Emmanuel! – observa um entusiasta de Chico Xavier.

O Sr. Costa Carvalho, porém, hesita. Não quer parecer exagerado. E a propósito do tema que o preocupa e o qual queria tirar uma pergunta destinada ao “médium”, relembra:

– De acordo com a teoria de Darwin, corroborada pelas idéias de Haeckel, fiz ver, em um trabalho publicado há cerca de dois anos, a graduação das qualidades psíquicas por nuances imperceptíveis, do homem ao cristal. No homem quis ver a cúpula psíquica do nosso conhecimento; no cristal, o germe da nossa alma.

Relembrando aí a constante que, segundo indica a cristalografia, se observa nas diversas formas geométricas assumidas pelos cristais, dentro de uma espécie de lei de hereditariedade, o Sr. Costa Carvalho indica-nos o ponto de onde nascera sua indagação:

– Observando-se que os nossos conhecimentos, não descendo embora à intimidade dos fenômenos, deixam, todavia, ver a identidade do fenômeno “memória anímica” e “memória cristalográfica”, eu gostaria de através de uma pergunta ao “médium”, chegar até aquela intimidade. Parece-me, porém, que seria um exagero, tal indagação.

Mas, exatamente por parecer um exagero é que os admiradores do “médium” incitam o advogado a levar-lhe a sua consulta.

O Sr. Costa Carvalho cede, afinal, e grava, ao alto de uma folha em branco, uma longa pergunta que ninguém pôde ler no momento. Só pouco depois, na sessão, foi ela assim anunciada:

“A idéia que preside à orientação das gêmeas na formação do embrião animal é da mesma natureza da que preside à formação dos embriões vegetais e dos cristais?”

Na esperança de que Humberto venha

Em vista da intenção do Dr. Costa Carvalho, deixamos ao jovem advogado a iniciativa das perguntas complexas. Quanto a nós, comparece-

riámos à sessão com algumas indagações singelas grafadas na esperança de que Humberto de Campos atendesse ao apelo que lhe iríamos fazer no sentido, por exemplo, de saber se, no Além, dentro da nova lei que rege a vida espiritual, nos altos planos intangíveis para onde se recolhem a almas desencarnadas, estaria ele agora satisfeito com o sentido que assumira, na Terra, sua obra literária, tão variada e vasta, mas sempre também tão humana e sentida.

Contudo, a intenção dos “testes” continuava acesa em nós.

E foi assim que, ao entrarmos na sala da sessão, repleta, não resistimos ao desejo de traçar ao alto de mais uma folha, esta indagação destinada, mentalmente, a Emmanuel:

– Kann ein Geist einen lebendigen Freund besuchen?

(*O Globo*, 28/5/1935.)

25

SE O BEM VEM DE DEUS, DE ONDE PROVÉM O MAL?

Nova sessão espírita e novas perguntas respondidas pelo “médium”

PEDRO LEOPOLDO, 23 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Desde que penetrarmos no pequeno aposento onde se realizam as reuniões, sentimos que o ambiente é pouco propício a uma rigorosa concentração.

A mesa acaba de instalar-se. A “corrente” é quase a mesma da vez passada. Apenas, no lugar que fora ocupado, na sessão anterior, pelo coronel Anísio Fróes, está agora o senhor Raul Henriot. E, em redor, os assistentes numerosos sucedem-se em fileiras cerradas, sentados, em pé ou, os mais recuados, trepados em cadeiras.

À hora de costume, a sessão inicia-se da forma já por nós descrita. Unicamente desta vez, as perguntas não foram lidas por José Cândido durante a oração de abertura dos trabalhos. Ele as reuniu simplesmente diante do “médium”. Sob esse aspecto, a sessão é, pode-se dizer, quase que dedicada ao grande público: a não ser a indagação do advogado, a nossa, em alemão, e as que reservamos para a possibilidade de Humberto “descer”, todas as demais perguntas a que o “médium” terá de atender constam da correspondência aqui chegada. Assim estão ali invocações ao espírito de Euclides da Cunha, indagações sobre o que conterá um envelope lacrado por pessoas idôneas e devidamente guardado fora do alcance de todas as mãos e olhares, em Belo Horizonte, além de outras perguntas.

Inicia-se o “transe”

Finda a oração de abertura e após um momento de concentração